



MARACATU-NAÇÃO E OS GRUPOS DE MARACATU DE BAQUE VIRADO EM SÃO PAULO¹

GODOY, T. E.²

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as relações estabelecidas entre o maracatu de baque virado realizado na cidade de São Paulo, capital, e o produzido em Recife, Pernambuco, pelas nações de maracatu, utilizando como objeto de estudo o deslocamento dos ensinamentos e práticas da Nação do Maracatu Encanto do Pina e da Nação do Maracatu Porto Rico. Buscamos entender como se dá a vivência para os quilombos urbanos da capital pernambucana e quais são as transformações e permanências dessa manifestação cultural até chegar em território paulistano, quando é produzida pelos grupos de maracatu de baque virado. Para isso, contamos com interlocutores das nações e também dos grupos.

Palavras-chave: maracatu-nação; maracatu de baque virado; maracatu; cultura popular.

RESUMEN

Este artículo pretende analizar las relaciones que se establecen entre el maracatu de baque virado realizado en la ciudad de São Paulo, capital, y el producido en Recife, Pernambuco por las naciones maracatu, tomando como objeto de estudio el desplazamiento de las enseñanzas y prácticas de la Nação do Maracatu Encanto do Pina y de la Nação do Maracatu Puerto Rico. Buscamos comprender cómo ocurre la experiencia de los quilombos urbanos en la capital de Pernambuco y cuáles son las transformaciones y permanencias de esta manifestación cultural hasta que llega a São Paulo, cuando es producida por los grupos maracatu de baque virado, contamos con interlocutores de naciones y grupos por igual.

Palabras clave: maracatu-nación; maracatu de baque virado; maracatu; cultura popular.

INTRODUÇÃO

O maracatu-nação, também conhecido como maracatu de baque virado, é uma manifestação cultural que teve sua origem em Pernambuco, na junção de práticas e costumes socioculturais diversos, já que carrega consigo elementos da cultura europeia e iorubana - para citar exemplos, além de agregar significados construídos no contexto da diáspora. Ele tem seu marco quando sai às ruas com seu cortejo real, seu batuque e canto cultuando seus

¹ O presente artigo faz parte da pesquisa de mestrado do Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro – SP.

² Mestranda na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro - SP, professora na rede privada de Santos e facilitadora na Univesp. elis.godoy@unesp.br;



orixás, por isso é dito como a festa do candomblé nas ruas, já que cada nação de maracatu está atrelada a uma casa religiosa e seus líderes espirituais também ocupam papéis importantes do festejo nas ruas. Por esse motivo, é considerado muitas vezes uma prática africana.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a manifestação popular brasileira chamada maracatu-nação, inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão em 2014, é extremamente importante, pois carrega elementos da cultura brasileira, da memória, identidade e formação da população afro-brasileira. Incorpora práticas, memórias e vínculos com o sagrado por meio da relação com o candomblé e com a jurema sagrada, e ainda pode remontar às antigas coroações de reis e rainhas congo.

O termo maracatu é amplo; reforçamos que o foco de estudo terá o olhar voltado para o maracatu-nação ou maracatu de baque virado, portanto, devemos ressaltar que os maracatus-nação, como diz CARVALHO (2007, p. 13), são resultado de um processo histórico e consequência de um conjunto de práticas realizadas por pessoas e comunidades negras, de periferia. Também não podemos esquecer que o sincretismo religioso foi o meio encontrado pelos povos africanos que aqui chegaram para manter sua fé e continuar cultuando seus orixás, já que por muitos séculos essa prática foi proibida.

Desta forma, o presente estudo busca traçar o caminho do maracatu-nação, que tem sua origem em Recife, Pernambuco, até a capital paulistana trazendo para análise a história e vivência em alguns grupos de maracatu de baque virado. O intuito é tentar compreender se o deslocamento dessa prática cultural até a cidade de São Paulo se torna um estudo comum entre pessoas da classe média e também se há um embranquecimento das pessoas praticantes dessa manifestação, isso porque quando falamos em maracatuzeiros e maracatuzeiras da capital pernambucana, estamos falando de homens e mulheres negras majoritariamente.

Para tal análise, nos apoiaremos nos referenciais teóricos da Geografia Cultural e também na tradição griô, tão importante para os povos africanos, e que transmite seus conhecimentos de geração em geração por meio da oralidade, e na vivência com os grupos de maracatu da cidade paulista.

Até o momento, foi possível perceber que, assim como nossa sociedade, o maracatu-nação encontra diversas contradições quando se desloca para a capital paulistana. Cabe investigar se ele deixa de ser uma manifestação produzida em quilombos urbanos, pensando nos terreiros de candomblé das nações, e embranquece sendo reproduzido pela classe média.



METODOLOGIA

Buscamos aporte nos referenciais teóricos da Geografia Cultural para revisão bibliográfica. Pesquisa histórica, através de consultas a materiais e documentos, publicações em jornais, história e cultura do maracatu-nação. Também destacamos a importância da história oral na forma de relatos de memórias, pois há uma grande riqueza quando falamos da origem dessas tradições populares brasileiras, parte da tradição griô, na qual a história e cultura dos povos africanos é passada de geração em geração pela oralidade, tornando-se assim patrimônio cultural imaterial. Também há relatos de vivências nos grupos de maracatu paulistanos, sendo que a linguagem visual será importante como registro e como documento, por isso, as fotografias aparecem como instrumento que auxilia na análise do contexto sociocultural contribuindo para o debate acerca das realidades propostas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A história mais repetida da origem do maracatu-nação entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras – como se chamam as pessoas que vivenciam o maracatu em Recife - é a de que a manifestação surgiu aqui no Brasil, em Pernambuco, no tempo de escravização dos povos africanos, onde eles, através da Igreja Católica, realizavam o cortejo real e a coroação dos reis e rainhas, fazendo referência ao ritual realizado no Congo, em África. Sabemos que o sincretismo religioso foi o meio encontrado pelos povos africanos que aqui chegaram para manter sua fé e continuar cultuando seus orixás, segundo CUNHA (1986, p. 99):

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacrítico.

Seus registros históricos mais antigos datam de mais de 200 anos a partir do reinado de Maria Júlia do Nascimento, conhecida como Dona Santa do Maracatu Nação Elefante, nascido em 1800. A ela se credita o fato de ser o primeiro Maracatu-nação conduzido por uma matriarca. Essa manifestação popular foi inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão em 2014, e, segundo o IPHAN (2021), sua importância:



[...] reside sua capacidade de comunicar elementos da cultura brasileira e carregar elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da população afro-brasileira. Entendido como uma forma de expressão que congrega relações comunitárias, o Maracatu Nação permite o compartilhamento de práticas, memórias e fortes vínculos com o sagrado, evidenciadas por meio da relação desses grupos com os xangôs (denominação da religião dos orixás em Pernambuco) e a Jurema Sagrada (denominação da religião de características afro-ameríndias que cultua mestres e mestras, caboclos, entre outras entidades) e ainda pode remontar às antigas coroações de reis e rainhas congo.

Pode-se dizer que é uma manifestação da cultura pernambucana e tem seu grande momento no período do Carnaval, pois nas décadas de 1960 a 1980, há em Pernambuco uma disputa entre o Carnaval das escolas de samba entendido como distante da cultura local e aqueles que representavam a cultura local, como afoxés, frevos e maracatus-nação. Nesse contexto, há uma busca por parte dos maracatus de legitimar sua manifestação e buscar visibilidade nesse cenário de disputa que se apresenta. Assim, passam a ser realizados os desfiles das nações de maracatu onde o candomblé se coloca em festejo na rua, mas ressaltamos que sua construção e relações se dão durante o ano todo nos territórios periféricos da região metropolitana de Recife, pois:

Para os maracatus é imprescindível uma identidade no sentido de que sejam criados (ou mantidos) os sentimentos de pertencimento dos seus membros, internamente em suas comunidades, de modo que as pessoas se sintam partícipes de forma plena, e não apenas nos momentos dos desfiles carnavalescos. (LIMA, 2010 p. 43)

Apesar de ter seu ápice no período carnavalesco, é importante ficar nítido que não devemos considerá-lo como simples brincadeira ou representação. As nações de maracatu:

Por constituírem identidades, geram sentimentos de pertencimento, sobretudo por representarem as aspirações de grupos ou comunidades que, ao tocarem seus instrumentos, mostram para a sociedade que ali se encontram pessoas que existem, pensam e sentem a vida; e que o maracatu é parte integrante destas ideias e sensações que na maioria das vezes não encontram espaços nas instituições públicas, e nas esferas de poder que afetam diretamente a vida destas pessoas. (LIMA, 2010 p. 44)

Portanto, as obrigações e a vivência do maracatu se dão durante todo o ano e o desfile do maracatu de baque virado se faz necessário quando ganha força o discurso da valorização da cultura local. Assim, COSGROVE (1983) nos diz que:

A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não



apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Mesmo esta lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (genres de vie) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço.

Na década de 1990, o movimento manguebeat, encabeçado por Chico Science e Nação Zumbi, ao se utilizar de elementos da cultura regional de Pernambuco, como o caboclo de lança (personagem do chamado maracatu rural ou maracatu de baque solto) e a alfaia (o tambor do maracatu de baque virado) misturados às culturas pop e hip hop, traz visibilidade nacional para os maracatus-nação. Também devemos citar a importância de Eder Rocha, integrante do grupo Mestre Ambrósio, que organiza um dos primeiros encontro dos grupos de maracatu de baque virado em Itu, interior de São Paulo. Também cabe dizer que algumas dessas nações são centenárias, portanto, sua história e importância são anteriores ao movimento citado.

Sabemos que pensar o maracatu-nação enquanto uma manifestação da cultura popular brasileira nos leva a algumas situações de reflexão, como pensar o que pode ser considerado cultura. Concordamos com aqueles que dizem que a cultura não pode ter um conceito fechado, exato, pois só o é se vivenciada, praticada. Assim devemos dizer que a cultura é um aspecto fundamental do ser social já que é produto direto da transformação da natureza através de seu trabalho, e também produção e reprodução das ideias, dos valores, crenças, hábitos. Assim “[...] a cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos.” (CUCHE, 1999, p.10). Como citado anteriormente neste artigo, assim aconteceu com o maracatu de baque virado, agregando valores e significados e também resistindo naquilo que considera sua essência e tradição.

Pensando que o maracatu-nação se constrói nas periferias urbanas de Recife, essas são organizações que representam a resistência ou a conquista de espaços, e isso não vem deslocado de uma forma de organização política. Como vivemos em uma sociedade de classes, sabemos que a cultura dominante prevalece sobre o que se chama de culturas subalternizadas, ou seja, a hierarquia social determina também a hierarquia cultural.



A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacrítico. (CUNHA, 1986 p.99).

Assim, Mestra Joana Cavalcante da Nação do Maracatu Encanto do Pina e Mestre Chacon Viana da Nação do Maracatu Porto Rico aparecem como líderes comunitários no bairro onde estão inseridos, São eles que regem o batuque durante o momento do Carnaval e ao longo do ano, mas também organizam ações comunitárias que impactam diretamente na vida daqueles que fazem parte das nações citadas. Também através deles, há a disseminação do conhecimento dessa manifestação, onde pessoas da cidade de São Paulo e de todo o Brasil buscam entender e transmitir tais práticas.

Figura 1 – Mestra Joana Cavalcante



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/05/batida-forte-baque-mulher-promove-empoderamento-feminino-atraves-do-maracatu>



Figura 2 – Mestre Chacon Viana



Fonte: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/culturapopular/mestre-chacon-vai-ao-japao-apresentar-o-maracatu-pernambucano/>

Alguns grupos de maracatu da cidade de São Paulo, capital do estado, trazem em sua história um início parecido. Há cerca de vinte anos, uma ou algumas pessoas conhecem o maracatu-nação através de apresentações dessas na região Sudeste, em instituições ou espaços culturais. Isso desperta o interesse dessas pessoas que deslocam-se para a capital pernambucana buscando aprender e vivenciar aquilo com o que tiveram contato. Chegando em Recife, vivem o maracatu de baque virado e também as comunidades periféricas onde esses maracatus-nação estão inseridos. Essas pessoas, ao retornarem para São Paulo, trazem consigo aquilo que aprenderam, e passam a transmitir e reproduzir tal manifestação no que diz respeito à sua música e sua dança.

Devemos destacar a importância de Raquel Trindade, filha mais velha do poeta pernambucano Solano Trindade, que se muda para a cidade paulista de Embu das Artes na década de 1960 e funda o Teatro Popular Solano Trindade em 1975, que luta para manter viva a memória das formas de resistência que seu pai acreditava, como as festas de maracatu, coco e lundu. Raquel Trindade fundou também a Nação Kambinda de Maracatu, sendo por isso conhecida como Rainha Kambinda. Assim, dedicava-se a transmitir os ensinamentos de seu pai.



Podemos dizer que no maracatu-nação acontece o que Lévi-Strauss chama de bricolagem, e que essa categoria muito se aplica à cultura popular, onde a “noção de bricolagem (colagem, construção, conserto, arranjo feito com materiais diversos) aos fatos culturais. Ele usa a metáfora da bricolagem no contexto de sua teoria do pensamento mítico.” (1962, p. 26 apud CUCHE, 1999, p.145). À construção do maracatu, somam-se práticas religiosas de culto dos orixás de origem africana e também da jurema sagrada, de origem afro-ameríndia, elementos da cultura europeia no momento do desfile do cortejo real e também o contato com outros grupos de várias partes do mundo, que agora frequentam as comunidades para entender toda a vivência do maracatu-nação dando origem “a um novo conjunto estruturado, que ainda receberá novos elementos, fazendo com que surja uma nova significação.” (CUCHE, 1999).

Desta maneira, o maracatu-nação resiste em seu território de origem e é ressignificado através dos grupos de maracatu de baque virado no estado de São Paulo, onde a música passa a ser o elemento central, muitas vezes descolado dos rituais religiosos - como acontece em Recife, onde cada nação de maracatu está atrelada a uma casa de candomblé.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando que o sujeito contemporâneo vive em um mundo de capitalismo globalizado que só faz aumentar as desigualdades sociais, este artigo, que faz parte da pesquisa de dissertação de mestrado, busca entender o deslocamento da manifestação popular brasileira de Pernambuco chamada maracatu-nação ou maracatu de baque virado, para São Paulo, colocando-o em debate enquanto forma de resistência à dominação cultural que é histórica, e hoje encontra novos elementos por conta da globalização, pois como diz CUCHE (1999, p.12):

O encontro das culturas não se produz somente entre sociedades globais, mas também entre grupos sociais pertencentes a uma mesma sociedade complexa. Como estes grupos são hierarquizados entre si, percebe-se que as hierarquias sociais determinam as hierarquias culturais, o que não significa que a cultura do grupo dominante determine o caráter das culturas dos grupos socialmente dominados. As culturas das classes populares não são desprovidas de autonomia nem de capacidade de resistência.

Cabe investigação para entender se e por que os grupos de maracatu de baque virado paulistanos são compostos majoritariamente por pessoas de classe média, também se há um embranquecimento das pessoas que o estudam e praticam nesse deslocamento da região



nordeste para o sudeste. Entendemos que as manifestações culturais populares são dinâmicas e construídas no cotidiano. As pessoas de São Paulo e de outros lugares do Brasil, quando retornam de suas vivências em Recife, trazem consigo conhecimentos daquela comunidade, e passam a transmitir para as pessoas que fazem parte de seus grupos de maracatu as práticas aprendidas nas nações pernambucanas, e também a ela agregam novos valores e conhecimentos.

Figura 3 – Nação do Maracatu Encanto do Pina, Recife.



Fonte: <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2020/02/21/guerreiras-do-maracatu-proibidas-de-batucar-hoje-lideram-grupos-femininos/>

É preciso apontar a diferença entre o que se entende por maracatu-nação e o que chamamos de grupos de maracatu de baque virado,

[...]“nação” aponta para um caráter um tanto restrito e enraizado na comunidade (social e religiosa) desse tipo de maracatu, de tal forma que é mais fácil que um “para-maracatu” possa se considerar um maracatu de baque virado, mas não um maracatu-nação. Isso se dá em parte pelo fato da palavra nação remeter, num processo um pouco subterrâneo, a linhagens religiosas como, classicamente, a da “Nação Nagô”, que é como se chama também o Candomblé pernambucano, o “Xangô”. Também remete a uma forte ideia de africanidade, subjacente a algumas expressões que no Recife e em outros lugares do Brasil semantizam identidade afro-brasileira. Contudo, também pode remeter à de nação autóctone de Jurema. O “baque” será por vezes apresentado aqui como a categoria do “toque”, quer dizer, do tocar a célula rítmica que compõe a música do maracatu, junto com as “toadas”. (CARVALHO 2007, p.35)

Portanto, os grupos de maracatu paulistas são assim chamados, mas não são considerados maracatu-nação, já que muitos não perpetuam sua ancestralidade e/ou ligação



com a religiosidade. Assim, nota-se a importância do maracatu-nação para os sujeitos situados na periferia urbana de Recife enquanto forma de resistência, e podemos perceber a importância das nações africanas e sua relação de ancestralidade com as pessoas do bairro do Pina em Recife, já que

[...] compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana (SAQUET, 2009, p. 8).

Apesar de não se manifestar enquanto resistência ancestral das nações jeje e nagô em território paulistano, é possível perceber o profundo respeito de grande parte dos grupos de maracatu aos mestres e mestras que vieram antes.

Figura 4 – Maracatu Ouro do Congo, São Paulo.



Fonte: <https://www.sambadomonte.com.br/2017/07/ouro-de-congo-pelas-lentes-do-coleta.html>

Nesse sentido, o maracatu de baque virado é ressignificado, pois ao mesmo tempo em que se faz como forma de resistência, assumindo sua territorialidade nas periferias de Recife, no estado de São Paulo parece assumir o papel de atividade cultural a ser apreciada principalmente pela classe média.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, destacamos que o maracatu de baque virado não está descolado das complexidades da sociedade em que vivemos, e a luta por espaços e legitimidade social travada diariamente por essas nações se faz cotidianamente nas periferias urbanas de Recife. Buscamos entender como se dá o diálogo com o poder público local, qual o papel dos líderes comunitários nesse sentido e como essas comunidades e sua manifestação resistem às adversidades e opressões que chegam por todos os lados.

Investigaremos, também, qual o vínculo mantido pelos grupos de maracatu de São Paulo com suas nações “madrinhas” e qual o papel desses indivíduos paulistanos com as mesmas, assim como com a sua realidade local em território paulistano.

Também sabendo que a sociedade brasileira é dinâmica, plural e desigual, ainda cabe investigar quais são os elementos incorporados e os mantidos na viagem dessa manifestação popular de origem pernambucana, o maracatu-nação, para o estado de São Paulo e quais são seus desdobramentos para os sujeitos subalternizados e quais são as reflexões feitas por aqueles que saíram de Recife e vieram para São Paulo difundir sua cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Mestra Joana da Nação Encanto do Pina e ao Mestre Chacon Viana por toda resistência e ensinamento compartilhado. Agradeço a amiga Mariana Felipe por toda ajuda e ao amigo Kaike Sena por compartilhar suas reflexões e vivências do maracatu.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, E. I. D. **Diálogos de negros, monólogos de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado**. Recife, 2007. (Dissertação de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/782>. Acesso em 20/07/2020.

COSGROVE, D. E. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de “Towards a Radical Cultural Geograph of Theory” publicado em *Antípode – A Radical Journal of Geograph*, Worcester, 15(1). 1983.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.



CUNHA, M.C. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. **Maracatu Nação Elefante**. Instituto Cultural Cravo Albin. c2002. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/maracatu-nacao-elefante/dados-artisticos>. Acesso em 13/04/2021.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/10413-cetro-maracatu-nacao-elefante>. Acesso em 15/04/2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Maracatu Nação**. c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/504/>. Acesso em 12/04/2021.

LIMA, I. M. D. F. **Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)**. Rio de Janeiro, 2010. (Tese de Doutorado em História da Universidade Federal Fluminense). Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1250.pdf>. Acesso em 26/07/2020.

PROJETO “MULHER 500 ANOS ATRÁS DOS PANOS”. **Raquel Solano Trindade**. c2021. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/raquel-solano-trindade-1936/>. Acesso em 12/04/2021.

SAMBA DO MONTE. **Coletivo Ajayô**. c2010. Disponível em: <https://www.sambadomonte.com.br/2017/07/ouro-de-congo-pelas-lentes-do-coleta.html>. Acesso em 13/04/2021.

SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 03-16, 2009.

MARTINELLI, F. **Guerreiras do Maracatu: proibidas de batucar, hoje lideram grupos femininos**. Universa Uol. 2020. Disponível em: <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2020/02/21/guerreiras-do-maracatu-proibidas-de-batucar-hoje-lideram-grupos-femininos/>. Acesso em 13/04/2021.